



MÜLLER, Ralf. **Die Ordnung der Affekte: Frömmigkeit als Erziehungsideal bei Erasmus von Rotterdam und Philipp Melanchthon.** Bad Heilbrunn: Julius Klinkhardt, 2017. 209 p.

Eduardo Gross*

A ordem dos afetos: Piedade como ideal pedagógico em Erasmo de Roterdã e Filipe Melanchthon é publicação de uma tese apresentada na Faculdade de Psicologia e Pedagogia da Universidade de Munique. Sua relevância é exposta na introdução: muitas vezes se esquece a importância que teve a religião - e o conceito de *pietade* (*Frömmigkeit, pietas*) – no Renascimento. O autor demonstra no decorrer do trabalho essa importância em Erasmo e Melanchthon. O foco central está na configuração que as pedagogias inspiradas no respectivo ideal de *pietade* assumiram.

Cinco teses são defendidas na obra: 1) *Piedade* é um conceito ordenador dos afetos; 2) as teorias sobre afetos determinam a compreensão de *pietade*; 3) isso se configura em discussões teológicas e filosóficas; 4) o processo de ordenamento dos afetos significa uma pedagogia que visa a *pietade* e ao mesmo tempo uma *pietade* que visa educar; 5) isso tem implicações sobre a configuração pedagógica. A quarta tese é central na obra.

Resenha recebida em 7 de janeiro de 2020 e aprovada em 11 de março de 2020.

* Doutor em Teologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. País de origem: Brasil. E-mail: eduardo.gross@ufff.edu.br

Alguns conceitos são muito bem esclarecidos pelo olhar histórico do autor. *Piedade* é entendido a partir do processo de interiorização da religião desde o século 13 (mística e *devotio moderna*), sendo a importância dos *irmãos da vida comum* no caso de Erasmo bem apontada. Importa também entender o duplo sentido ético e religioso que marca o seu uso tanto em Erasmo quanto em Melanchthon. *Humanismo*, por sua vez, em si é um termo do século 19. Os estudiosos do século 16 também já eram chamados de humanistas, mas no sentido de que eram estudiosos das ciências que tornam o ser humano *humano*, pela consciência reflexiva que a linguagem e as obras literárias permitem na direção de um aperfeiçoamento moral. A visão moderna muitas vezes obscureceu a importância da piedade no ideário do século 16. Por isso, ele classifica Erasmo e Melanchthon sob a denominação de humanismo bíblico.

O conceito de *afeto*, que está no título do trabalho, recebe um tratamento especial. Ele é apresentado a partir da sua configuração na obra de Aristóteles, da simbiose que depois se encontra na recepção medieval deste com a noção de *paixão* em Agostinho e da relação com a linguagem bíblica que fala do *coração*. Estas concepções são uma base para a formulação de uma concepção medieval de psicologia que influencia as compreensões de Erasmo e Melanchthon. *Piedade* aparece como o princípio ordenador de impulsos interiores vistos como carentes de organização. Daí já se pode perceber a relação que o autor quer sinalizar desse conceito com os ideais pedagógicos: cada concepção específica de piedade resulta em uma proposta própria de ordenamento dos afetos.

No caso de Erasmo, seu ideal foi profundamente marcado pela *devotio moderna* e sua efetivação entre os *irmãos da vida comum*. Para ele, a imitação de Cristo permaneceu sempre o norte na piedade. O amor caracteriza essa imitação, e a partir daí todas as coisas que podem parecer importantes são secundárias: a paixão do amor é comparável à loucura. A influência do amor a Cristo sobre os afetos depende de como esses se classificam na alma. Há os afetos superiores, localizados na área cerebral, que buscam a Deus, o bem e a razão, e o amor a Cristo os fortalece; há os afetos intermediários, localizados no corpo médio, que são

responsáveis pela preservação corporal - a ira e a fome, por exemplo - os quais a imitação de Cristo pode instrumentalizar para o fortalecimento da prática do amor ao próximo ou podem levar à prática do mal; e há os afetos inferiores, notadamente sexuais, que a imitação de Cristo deve refrear. O ideal da imitação de Cristo também faz com que a imaginação se torne uma atividade educativa. É a partir daí que a importância da leitura, principalmente da Bíblia e de outras obras devocionais, mas não só, adquire importância. A atividade imaginativa possibilita a reorganização dos afetos interiores de um modo virtuoso. Listas como a dos pecados capitais e a das virtudes, filosóficas e teológicas, são parâmetros para a auto-avaliação.

Em Melanchthon o ideal de piedade ficou marcado pela acentuação na justificação pela graça. Uma concepção antropológica mais negativa em relação à autonomia de reordenamento dos afetos interiores caracteriza o seu pensamento. Na opinião do autor, o pessimismo antropológico que se encontra nos *Loci theologici* de 1521 não teria sido abandonado. Para Melanchthon, os afetos não são classificados como melhores ou piores, mas, pela desorganização operada pelo pecado original, eles por si sós representam um conjunto caótico. É necessário um princípio ordenador que provenha de outro lugar, representado pela graça divina. O desenvolvimento reflexivo de Melanchthon encontrou um outro princípio capaz de ordenar a atividade no âmbito exterior da vida, que ele chama de lei e que representa a dimensão da racionalidade. A razão inscrita na mente humana não é capaz, sem a ação divina, de organizar adequadamente os afetos internos, mas consegue em certa medida impedir a sua atividade desenfreada na convivência social. Esta concepção pressupõe, por um lado, a noção de uma lei natural que Deus imprimiu na mente humana na criação e a concepção de uma ordem universal, de tipo platônico-agostiniano. Por outro lado, a operação da razão no âmbito externo é entendida a partir da ética aristotélica, de modo que ela precisa encontrar a justa medida em cada ação. O decálogo é entendido como modelo prático que orienta a vida, e isso em princípio não porque seja revelação divina, mas porque representa de modo acessível aquilo que é a lei natural. A instrução nos âmbitos da linguagem, das ciências e da ética aparece como elemento mediador

entre a interioridade e a exterioridade. É pela formação que a pessoa vai poder, com o exercício da razão, perceber as questões prementes no mundo e tomar decisões que sejam adequadas na vida. A palavra, elemento importante no protestantismo, também é central em sua concepção de formação. É o hábito da leitura de textos - religiosos e clássicos - que possibilita uma apreensão racional dos exemplos a serem seguidos pela pessoa. A palavra também recebe destaque pela possibilidade de refinamento da expressão da personalidade - a pessoa educada consegue uma convivência mais pacífica com o seu meio social, pois aprende a lidar com gentileza, para além do impulso irracional imediato dos afetos. A síntese do autor é que Melanchthon apresenta um ideal pedagógico montado em dois pilares: a confiança em Deus e o temor da lei. Interiormente, a fé significa a confiança de que Deus aceita a pessoa independentemente dos transtornos que os seus afetos representam. Exteriormente, o temor da lei impele a pessoa à obediência da ordem e ao desenvolvimento de seu juízo moral. A oração ganha na prática da piedade um lugar importante, pois nela se invoca o fortalecimento da fé, se reconhece os limites causados pelos afetos, se intercede pela preservação do bem na sociedade.

Como a obra tem a estrutura de uma tese, o final apresenta uma comparação detalhada dos modelos pedagógicos resultantes. Vale a pena ressaltar duas observações do autor. A primeira aparece nas páginas 182 a 185: enquanto a pedagogia de Erasmo visa o auto-exame e o melhoramento de si pela imitação de Cristo (o que poderia, porém, levar a abusos eclesiásticos), a de Melanchthon torna a pessoa livre dessa pressão por um melhoramento (mas a submete à autoridade civil). A segunda está nas páginas 186 e 186: Erasmo tem uma pedagogia da piedade voltada para uma integração dos vários âmbitos, com prioridade para a dimensão metafísico-religiosa, e sua ênfase é a individualidade; Melanchthon tem a tendência de separação de âmbitos, a fé sendo exercitada no âmbito religioso e a obediência no civil.

Apesar de um esquematismo típico em estudos comparativos, esta obra apresenta algumas qualidades que merecem ser destacadas e que convidam a se considerar sua tradução. 1) A escolha do tema da piedade: Diante da grande

generalização de estudos de aspectos exteriores da religião, este oferece como contribuição a inspiração para se pesquisar como diferentes concepções de religiosidade moldam teorias e práticas humanas. A ênfase no aspecto da educação é uma consequência natural das atividades priorizadas pelos autores analisados. Mas, por analogia, há aqui a possibilidade de se inspirar outras pesquisas dessa natureza.

2) O acento na importância da questão religiosa no humanismo renascentista: A visão do humanismo renascentista é muitas vezes plasmada pelo recorte positivista, que em princípio obscurece a importância do aspecto religioso no período. O autor consegue mostrar como as concepções de formação de Erasmo e Melanchthon, fundamentais na construção das estruturas educacionais modernas, não são suficientemente compreensíveis à parte de seu elemento religioso.

3) A relação entre teologia, religiosidade e ideal pedagógico: Principalmente no Brasil, enquanto Erasmo é às vezes entendido somente como filósofo ou pedagogo, Melanchthon é percebido somente como teólogo. Na verdade, a situação no século 16 não se caracteriza por divisões tão marcadas do saber. Nesse sentido, o autor mostra bem como, a) as ideias filosóficas de ambos estão profundamente entremeadas com suas respectivas concepções teológicas, b) esse conjunto marca as ideias pedagógicas e c) tudo isso só pode ser bem entendido quando se leva em conta que há uma determinada forma de piedade pessoal que envolve as suas próprias existências. Afinal, essa também é uma das marcas, tanto de Erasmo quanto de Melanchthon: eles se contrapunham ao que consideravam ser especulações vazias da escolástica a partir de um olhar para exigências existenciais e para aplicações práticas da instrução humana.